Que ninguém, nunca mais, ouse duvidar da capacidade de luta dos trabalhadores, o filme; personagens e espectadores: Cinema militante no ABC (1979-80)

Maria Carolina Granato da Silva*

Proganizado por companheiros e companheiras do sindicalista Luís Inácio da Silva, *Peões* (2004) intercala, entre cenas rodadas durante a campnha presidencial de 2002, imagens daquela época, para lembrar na filmagem, marcam a passagem do tempo na montagem. Lins observou a dupla homenagem:

> As imagens que entremeiam os letreiros pertencem aos filmes *ABC da greve* (1979-90), de Leon Hirszman, e *Linha de montagem* (1982), de Renato Tapajós. Essa dimensão faz com que o documentário de Eduardo Coutinho dialogue não apenas com a memória pessoal e coletiva de um grupo de trabalhadores. Ele interage também com uma certa memória do documentário brasileiro, voltado no final dos anos 70 para as lutas operárias do ABC, que expressavam um momento importante da luta de classes no Brasil. (LINS, 2004: 176)

Ao longo de *Peões*, de 1979, *Greve!*, de João Batista de Andrade, e *Que ninguém, nunca mais, ouse duvidar da capacidade de luta dos trabalhadores*, de Tapajós, remontado em *A luta do povo* (1980) e *Linha de montagem*. Deflagrada no setor de ponta da economia, em 13 de março de 1979, em meio à sucessão dos generais Geisel por Figueiredo, a greve geral metalúrgica atraiu para São Bernardo do Campo três equipes dirigidas por cineastas com projetos diferentes: os comunistas Hirszman e Batista e Tapajós, egresso da Ala Vermelha (REIS FILHO, 1990: 122). Bernardet (1979, 1980, 1986, ([1985] 2003) analisou os filmes; Ridenti (2000), a militância de Tapajós; e Paranhos (1999, 2002), as práticas culturais do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. Segundo Bernardet, a "intervenção" de Batista se aproximava da concepção do "intelelectual revolucionário" de Lenin enquanto a "transparência" de Tapajós expressava suas aspirações ideológicas através do discurso operário. (BERNARDET, 1986: 53-4) Concepções diferentes no cinema e na literatura. Analisada em função de 1978 e, sobretudo, de 1980, a greve de 1979, para o leninista Antunes, "um movimento *vitorioso* [com] desdobramentos no plano da consciência espontânea marcados pela positividade e pelo avanço." Descolada da "massa operária" favorável à

* Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e professora do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ).

retomada da greve, a posição da liderança, "politicamente correta e necessária", mal avaliada, "o resultado da Greve Geral metalúrgica de 1979 como representando uma *derrota*", repercutiu mal em 1980. (ANTUNES, 1988: 60-2, grifos do autor [RA]) Para Sader, em 1979, despreparados para enfrentar o regime, "preferiram concluir (...) 'em alta" frustrando "setores mais organizados"; em 1980, se esboçou "uma alternativa dos trabalhadores para a transição em curso." (SADER, 1988:307-8) "Massa operária", "setores mais organizados", liderança operária, personagem individual ou coletivo, quem protagoniza os filmes rodados no ABC em março de 1979? Ao saber do projeto de *Peões*, Luís Inácio Lula da Silva[1] creditou aos protagonistas a construção de seu personagem: "Ganhando ou perdendo, a minha campanha é histórica: eu só existo e sou o Lula porque existiram as greves do ABC." (LINS, 2004: 169)

Esta comunicação acompanha o circuito social (MAUAD, 1996: 73) de *Que ninguém, nunca mais, ouse duvidar da capacidade de luta dos trabalhadores* cruzando sua transcrição audio-visual com a literatura, imprensa e depoimentos a fim de refletir sobre a relação entre cineasta, personagens – individuais (protagonistas e coadjuvantes) e coletivos – e espectadores preferenciais no cinema militante, produções e exibições incorporadas a movimentos sociais e/ou políticos (BERNARDET, 1980: 115) Frase de Luís Inácio da Silva, *Que ninguém, nunca mais,...,* rodado de 22 a 27 de março, estreou em 10 de abril na Igreja Matriz de São Bernardo, principal posto do Fundo de Greve. Da produção à exibição, três títulos: Revelado sob o codinome *Dia Nublado* para driblar a censura; nos créditos e estreia para os metalúrgicos do ABC, a frase de Lula; nas sessões no Sindicato de Jornalistas de São Paulo, foi rebatizado de *Greve de março.* (PARANHOS, 2002: 181)

"Para que o povo esteja presente nas telas, não basta que ele exista: é necessário que alguém faça filmes." (BERNARDET, 2003: 9) Porém, como na literatura, no cinema, "não convém separar a repercussão da obra da sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua." (MELLO E SOUZA, ([1965], 2000: 20) Os metalúrgicos do ABC se apropriaram dos filmes "a partir de sua cultura, com sua própria vida" (FERRO, 2009: 23); "imagens planejadas para serem vistas e terem um impacto sobre um público amplo, por exemplo,

[1] Lula foi acrescentado, oficialmente, à época da campanha para o governo do estado de São Paulo, em 1982.

de trabalhadores, a experiência que o público tem da realidade coloca limites no grau em que as imagens possam divergir da realidade." (HOBSBAWM, 2000: 123-4) Mero figurante ou coadjuvante anônimo visto pelo público em geral, "para um parente, um amigo, um companheiro, evoca todo um mundo absolutamente único." (TRAVERSO, 2007:75) Diante da câmera "a pessoa tende a compor-se, tomar uma pose, tornar-se 'personagem'; de certa forma passa a ser cópia antecipada de sua própria cópia." (MELLO E SOUZA, 1972: 18) Segundo Deleuze, personagens reais ficcionalizam e desse modo contribuem para a invenção de seu povo. (DELEUZE, 1985: 196) Além da interação com o diretor, neste momento de difusão da TV (ORTIZ, 2001:128-38), as "*performances*" incorporam "um universo tão concreto quanto virtual" constituído na relação com os meios de comunicação, em especial, os telejornais. (VASCONCELOS, 2006: 230)

Paraense, Renato Tapajós foi para São Paulo estudar Engenharia e, como Hirzsman e Batista na mesma época, se engajou no cinema: Realizara *Vila da Barca* (1965-7), sobre bairro de palafitas homônimo de Belém; *Universidade em crise* (1966) e *1%* (1967), com estudantes; e *Fim de semana* (1975), sobre mutirões no ABC, quando conheceu Lula, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, e os sindicalistas Djalma de Souza Bom e Expedito Soares Batista, num curso de formação de espectadores, em São Paulo, em 1976. Antes da greve, filmou com a categoria *Acidente de Trabalho* (1977), *Trabalhadoras Metalúrgicas* (1978) e *Teatro Operário* (1978-9).

Mobilizados pela garantia dos 11% conquistados nas paralisações de 1978 sobre o índice de 1979, os metalúrgicos do ABC deflagraram sua primeira greve geral sob liderança dos dirigentes sindicais. Desde 13 de março, liberado pelo prefeito Tito Costa (MDB[2]), o estádio de Vila Euclides[3] se tornou o principal cenário da greve; da primeira assembleia, apenas fotos. (Ver Fig.1) No quinto dia de paralisação, no Sindicato, cerca de 300 pessoas assistiram o "locutor grisalho" anunciar: "Um balanço da greve dos metalúrgicos", e ameaçar: "o ministro do Trabalho manda abrir sindicância na DRT

[2] Movimento Democrático Brasileiro, de oposição à governista ARENA (Aliança Renovadora Nacional) do governador do estado Paulo Maluf, responsável pelas polícias civil e militar que reprimiam os grevistas.

[3] Então, Estádio Presidente Arthur da Costa e Silva, conhecido pelo nome do bairro onde se localiza. Em 1983, em nova gestão de Tito Costa, foi rebatizado de Estádio Primeiro de Maio, em homenagem às lutas operárias.

paulista para apurar as responsabilidades dos dirigentes sindicais que estão incitando os trabalhadores à greve." (SAMPAIO, 1982: 57) Patrocinado pelo Banco Nacional, o telejornal da Globo hierarquizou o tripé Capital, Estado e Trabalho: O empresário respondeu três perguntas; o delegado do trabalho, duas; Lula sequer concluiu sua única resposta, evidenciando "o aniquilamento social daquilo que se escolhe não mostrar." Silenciada pela TV, a liderança operária precisava ascender "ao status da tela". (SALIBA, 2003: 121-2) Se os três primeiros filmes foram iniciativa do cineasta, o da greve resultou de pedido dos sindicalistas: "A gente precisa de um filme que ajude a manter acesa a chama. Virem-se!", lembrou a montadora Olga Futemma. ("A greve no cinema, 1980: 96) Expedito Batista, diretor sindical, que participou de todos os filmes de Tapajós com a categoria, confirmou, mas confundiu 79 com 80: "[Quando] estourou a greve de 80, a gente falou com o Renato: 'Filma tudo que vai acontecer muita coisa nessa greve.' Foi quando ele filmou o documentário *Linha de montagem.*" (BATISTA, 2007) Tapajós lembrou o pedido de Lula no fim da greve: "Temos 45 dias de trégua. Dá para pegar esse material que foi gravado até agora e fazer um filme que funcione como instrumento de mobilização (...) para que essa nova assembleia aconteça e seja um sucesso?" (PARANHOS, 2002: 177) O compromisso com a causa operária compensou a carência de recursos: "negativos de produtoras com marcas e sensibilidades diferentes"; câmera e moviola da Oca, "através da Ruth Escobar, recursos da Novib[4], espécie de ONG holandesa de apoio a países do Terceiro Mundo (...) até o Lula voltar para o Sindicato" (TAPAJÓS, 2006), o que só aconteceu mais de um mês depois do lançamento do filme. Nos créditos, ABCD Cultural[5] e a Oca Cinematográfica[6]; "realização coletiva", Zetas Malzoni, na câmera; Francisco Cocca, no som; Maria Inês Villares, Sérgio Sister, Alípio Freire, Futemma e Tapajós começaram a filmar, com a participação de Expedito e do tesoureiro do Sindicato e criador do Fundo de Greve, Djalma Bom.

Centrado no discurso da liderança grevista, *Que ninguém, nunca mais, ...* dedica metade do tempo (18/35') a um tipo de idílio onde "figura a harmonia de um paraíso original, a perfeição de um ideal que se materializa na união íntima" (DELAGE, 1998:

[4] N(o) vib (Nederlandse Organisatie voor Internationale Bijstand), criada em 1956. (www.novib.nl. Acesso 25/05/2008.)

[5] De ex-militantes da Ala, publicava o semanário *ABCD Jornal*, criado em 1976.

[6] Produtora de Francisco Ramalho Jr. e Zetas Malzoni.

64) dos grevistas com o líder no estádio (seq. 3) e no Sindicato (seq. 4). Entre o idílio e o desfecho (seq. 7), nesta economia do tempo, introduzidas por uma sirene, as sequências do confronto policial após a intervenção (seqs. 5 e 6) são as mais curtas (três minutos cada).

No prólogo, fotos de cenas de comunhão e conflito, enquanto Djalma denuncia em *off*: "*A greve foi decretada pela intransigência patronal*" e formula sua versão da "estrepitosa fórmula do Novo Sindicalismo" (NEGRO, 2004: 126): "*O negócio com eles não é conversar, é botar mesmo as máquinas paradas!*" (seq.1)

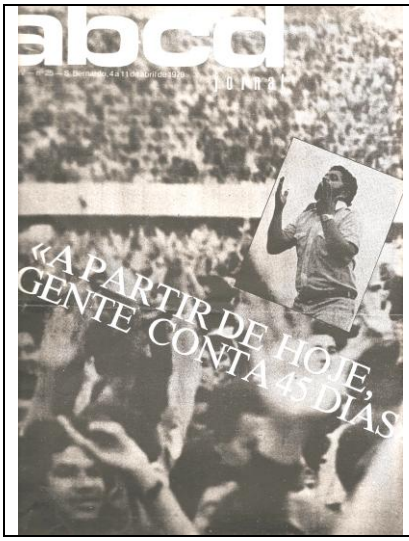


Figura 1 – Antes da participação de Djalma com som direto, a primeira página do *ABCD Jornal*[7] funciona como intertítulo, apresenta três tempos do filme: A reconstituição do início da greve com a foto de Lula na primeira assembleia em Vila Euclides (13/3) sobreposta ao estádio lotado (provavelmente 27/3) e os 45 dias que apontam para o 13 de maio metalúrgico, horizonte imediato do filme. (seq. 1)
ABCD Jornal, Ano IV, n. 25, São Bernardo, 4 a 11/4/79, 1ª. p. (Fotos sem crédito) (Acervo SMABC)

No salão paroquial, Djalma orienta "*companheiros e companheiras"*: "*Só deverão respeitar e ler aqueles comunicados com a assinatura do nosso companheiro Lula."* (seq. 1) Expedito valoriza a organização e também denuncia a (ir) responsabilidade patronal:

> *A diretoria, nós tínhamos uma equipe de cinco diretores, onde a gente fez um trabalho de preparação, que era o pessoal da Coordenação do Trabalho de Base. A gente fez uma série de reuniões por fábrica. Preparamos os trabalhadores individualmente em cada fábrica, mostrando a importância da nossa campanha salarial e preparando o pessoal, para quem sabe, se fosse o caso, até em irmos à greve. Foi exatamente o que aconteceu... diante da intransigência e da irresponsabilidade dos patrões*. (seq. 2)

Em sua sala no Sindicato, a surpresa de Lula diante da organização sindical e consequente mobilização dos metalúrgicos:

> *Eu acho que nenhum dirigente sindical poderia imaginar que em tão pouco prazo de tempo os trabalhadores pudessem se organizar como*

[7] Porta-voz da liderança do movimento durante a intervenção de 23/3 a 19/5.

> *se organizaram. Eu nunca imaginei, por exemplo, fazendo assembleia com 80 ou com 90 mil trabalhadores. Eu acho que os trabalhadores do ABC estão dando um exemplo à nação de que basta que o Sindicato queira fazer alguma coisa, esses trabalhadores atenderão ao chamamento do Sindicato*. (seq. 4)

Lula reflete sobre o dilema do movimento, a trama do filme:

> *O nosso movimento, ele não poderia, sabe? terminar da forma que os empregadores queriam que terminasse... Era voltar muito atrás, era retroceder muito o movimento. Do jeito que as coisas ficaram, sabe? É necessário vocês entenderem o seguinte: pra esses trabalhadores que participaram desse movimento, esses 70, 80 mil caras que 'tava lá todo santo dia, esse movimento marcou muito. Você vê que não era pouco, os trabalhadores choravam lá.. Marcou, marcou profundamente, sabe? Na vida de cada trabalhador, das esposas... E o que a gente percebe é de que se tivesse havido um apelo da diretoria do Sindicato pro pessoal retornar, aquele negócio todo, tudo o que tinha sido plantado iria por água abaixo, tudo, porque os caras deixariam de acreditar no Sindicato. Começaria a ver o Sindicato de que forma? Quer dizer, quando a coisa engrossa, então vêem as análises políticas e os trabalhadores, "pá", volta a trabalhar a troco de nada, pô!* (seq. 4)

Sindicato, neste caso, significava diretoria. Com som direto no saguão, ecoam as palavras de Lula, por exemplo, entre a leitura da nota, um grevista repete: "*Esse acordo que o governo, o ministro junto com os empresários propôs pra nós, no momento, não 'tá trazendo nada de benefício pra nós..."* (seq.4) Participações individuais, em *off*, como a da última assembleia que manifesta a vontade de manter a greve: "*Lá em casa tem feijão ainda!"* (seq. 7). Lula, único com som direto no estádio, sempre cercado por repórteres e fotógrafos, o público ao fundo, começa rejeitando o que defende no fim: *"Esta proposta não prevê o nosso aumento de salário de imediato. O que se pede nesse documento é que os trabalhadores voltem a trabalhar de imediato e dentro de 45 dias... será discutido, a partir da volta ao trabalho, a discussão dos nossos 11%."* (seq. 3) O filme destaca a relação da luta presente àquela de 1978: "*Os patrões só não querem dar aumento pra nós porque em maio do ano passado nós experimentamos o sabor de uma vitória."* E, sobretudo, responde às ameaças: "*Se cassarem a diretoria do Sindicato, se prenderem a diretoria do Sindicato, a categoria precisa manter a greve.*" E relembra o dilema: "*Companheiros, eu disse a vocês o seguinte: se chegasse o momento de eu perceber que a vaca vai pro brejo, eu teria coragem de falar: Companheiros, nós vamos retornar ao trabalho.."* (seq. 3) A singularidade do material da saída desta assembleia (Na última, entra carregado, mas sai caminhando ao lado dos

companheiros.) dividiu a equipe e restaurou concepção considerada superada, segundo Tapajós:

> Na cena em que o Lula é carregado pelos operários, a minha concepção era mostrar essa tomada com o som direto e uma música como suporte. Para o Alípio, não, tinha que ser a música do Milton [Nascimento][8] que joga a sequência pra cima. Muda o caráter da sequência ... Ela deixa de ser uma sequência documentária e vira realmente uma peça de propaganda. (...) Eu acabei convencido (da idéia do Alípio) do seguinte: naquele momento em que não existiam estruturas organizacionais sólidas, em que não existia uma consciência aprofundada por parte da base operária em relação ao que estava acontecendo, a figura do Lula era fundamental para manter o processo. (...) começamos a nos perguntar qual era a nossa postura como realizadores, como militantes políticos, em relação a um líder que estava ascendendo como o Lula, que estava arrastando aquela multidão de pessoas (...)? Evitar o culto à personalidade? (...) Assumi conscientemente (...), dane-se o culto à personalidade. Entre manter a greve e fazer com que esse processo se desenvolva para alguma outra coisa, vamos correr o risco do culto à personalidade e levar isso para frente. (PARANHOS, 2002: 180-1)

Ao optar pelo protagonismo de Lula converte o conjunto dos grevistas em personagem coletivo coadjuvante cuja função é sustentar o astro. Apesar do pouco tempo fora de cena, sua volta é supervalorizada. Bernardet criticou o "uso abundante" da "frase getuliana 'Ele voltou'" (*UH-SP*, 30/4/79: 15). Na primeira página do número zero do periódico comunista *Unidade Sindical*, na mão de grevistas em três sequências (1, 6, 7) (*Unidade Sindical* de 26/3/79, 1ª. p.), a reportagem sobre a assembleia no Paço Municipal, não foi incluída no filme com som direto, sua decisão – "A greve continua" – contrariava o desfecho.

[8] A gravação de *Caldeira* pelo Grupo Água. Transcrição de *Greve de março:* (*Filme Cultura 46,* 1986: 36)



De volta ao estádio, não mais *"presidente de direito"*, se sente *"no direito de falar como presidente de fato, como representante dos trabalhadores"* (seq. 7), atualiza as reivindicações diante de novas prioridades:

> *Existem hoje três coisas fundamentais: A primeira delas é a garantia da volta à normalização do nosso sindicato que sempre foi livre e nós vimos, nessa semana, o sindicato tomado por cachorros da policiais... Existe uma outra coisa mais importante ainda, que é a reabertura das negociações. A reabertura das negociações, o que quer dizer, é que alguém irá negociar pelos trabalhadores porque nós temos 11% em jogo e não vamos abrir mão desses 11%.*
> *E há outra coisa a ser feita, há uma outra coisa a ser feita que é os nossos dias que estamos em greve, os nossos dias que estamos em greve. Nós queremos receber os nossos dias. É ponto de honra para a gente voltar a trabalhar.* (seq. 7)

Sem nada de concreto para apresentar, com *"fé em Deus"*[9] e nos companheiros, Lula pede "*um voto de confiança"*. Cassado, mais próximo dos operários[10], orienta: "*Amanhã, na hora de retornarmos ao serviço, todos nós vamos de cabeça erguida",* mão no peito, "*porque nós somos vencendores. (...) que a gente mantenha um espírito, mantenha a chama acesa...*" Em *off*, com uma panorâmica do estádio lotado, a primeira versão da frase-título: "*E que essa greve sirva de demonstração para os patrões, nunca mais, nunca mais, duvidarem da classe trabalhadora."* Na versão definitiva, não só os

[9] O apelo religioso se completa com a presença da Igreja, além da participação de Djalma (seq. 1), a missa rezada por Dom Claudio Hummes (seq. 6).

[10] Em parte de seu discurso não incluída no filme, Lula anunciou: "eu e a diretoria [cassada] vamos voltar pra fábrica junto com vocês. O Dr. Maurício [Soares de Almeida, advogado do Sindicato] vai tratar da minha volta pra Villares." (RAINHO e BARGAS, 1983: 229) Lula deixara a fábrica em 1972, eleito para a direção do Sindicato, e presidente, em 1975.

patrões: "*Que ninguém, nunca mais, nunca mais, ouse duvidar da capacidade de luta dos trabalhadores."* Anuncia o Fundo de Greve, puxa o grito da categoria - "*Metalúrgicos unidos, jamais serão vencidos!*" - e sai ao lado dos companheiros. (seq. 7) O título escolhido pareceu à equipe e líderes do movimento expressar os interesses do filme, de acordo com Tapajós:

> (...) não se tratava apenas de um registro ou de uma reflexão dos acontecimentos, mas um *instrumento que interferisse diretamente no curso desses acontecimentos*. Sei lá, se a gente quiser caracterizar o filme como um filme de agitação ou um filme de propaganda de determinadas posições, eu não saberia dizer exatamente que rótulo a gente poderia colocar em cima dele. O que eu sei dizer é que o objetivo do filme era interferir no processo, era pegar aquilo que estava acontecendo, selecionar daquele processo que a gente tinha conseguido filmar até ali determinados momentos em que o desenvolvimento da luta estava mais agudo e articular isso numa estrutura que, jogada de volta aos operários que tinham participado daquilo, provocasse discussões e provocasse, sobretudo, a necessidade de continuidade da luta. Então, tudo no filme passa a ser vinculado a esse tipo de coisa a partir, inclusive, da escolha do próprio título do filme, que é a frase do Lula: *Que ninguém nunca jamais* [sic] *duvide da capacidade de luta dos trabalhadores*. ("A greve no cinema, 1980: 95, grifos meus MCGS)

"Propaganda" das "posições" da liderança do movimento, na estreia, provocar a necessidade de continuidade da luta significava a disposição de ir à greve. Feito para distribuição em circuito alternativo, não foi submetido à censura e a Polícia Federal confiscou três cópias ("O cinema e a abertura, 1980: 3); prejuízo que não afetou seu sucesso imediato. Primeiro filme sobre a greve a estrear, em 10 de abril de 1979, no salão paroquial da Igreja Matriz de São Bernardo, cenário da participação de Djalma, posto do Fundo de Greve, o que poderia faltar em conforto, abundava em significado para a comunhão metalúrgica. Segundo Tapajós: "O pessoal 'tava trazendo os operários das fábricas, quer dizer, grupos de operários que saíam das fábricas e iam lá pro salão [da Matriz] assistir o filme." ("Na linha com Renato Tapajós", 1982: 8) Distribuído pela liderança cassada: "exibido mais de quatro vezes por dia nas concentrações operárias para manter o ânimo." ("Um novo produto: o cinema sindical", 4/7/79)

No dia da estreia, a negociação deveria avançar; os metalúrgicos representados por advogados do Sindicato de confiança dos líderes cassados, porém, a executiva do Grupo dos 14 da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) decidiu, unilateralmente, adiar a reunião. Lula reagiu indignado: "Fica mais uma vez

demonstrado que quem radicaliza são os patrões, não os trabalhadores. Já foi acertado antes que o resultado das negociações seria aprovado pelos trabalhadores em assembleias." E ameaçou: "E se até o fim do prazo, o acordo não for estabelecido, todas as máquinas vão parar novamente." (RAINHO e BARGAS, 1983: 148) Confirmava-se a "*intransigência patronal"* denunciada por Djalma e Expedito. (seq. 1 e 2). Debatiam durante e após as sessões, pelo menos até dia 13, conforme o olhar impressionista do cineasta: "Esses espectadores que foram atingidos são espectadores motivados (...), tinham um interesse específico (...), não foram só atingidos, foram mobilizados. O que evidentemente multiplica a eficácia." ("A hora da reflexão", 1986: 78) "(...) de repente, estão todos mobilizados em torno daquilo ali pra ver, pra enxergar onde é que estão as pessoas que eles conhecem; o que está acontecendo pro fulano que naquele dia estava lá." ("A greve no cinema", 1980: 96) Satisfação dos espectadores preferenciais, insatisfação do protagonista:

> A primeira vez que o Lula viu o filme não ficou satisfeito. Foi preciso que a gente explicasse para ele sua relação com a mobilização. O Lula não tinha uma consciência muito clara do carisma dele. (TAPAJÓS, 2006) (...) ainda estava aprendendo a se colocar diante da câmera. (PARANHOS, 2002: 180)

A polêmica na montagem se estendeu à exibição. Embora compreendesse os interesses envolvidos, Bernardet concordou com Lula, o filme distorcia a realidade neste particular:

> *Que ninguém, nunca mais,...* teve um tempo curto de elaboração e se insere dentro da tática que vem sendo seguida pelos metalúrgicos. No caso, apoio total à figura carismática de Lula, o que é uma distorção da realidade (a Comissão de Salários é citada apenas uma vez) o que é um problema levantado pelo diretor do filme e pelo próprio Lula, mas a atitude que parece se justificar porque o filme procura ser um instrumento de ação imediata em cima dos acontecimentos. Basicamente um filme que deve se manter atual e convincente até a próxima concentração marcada para a segunda semana de maio. (*UH-SP*, 30/4/1979: 15)

A extensão do prazo de validade não comprometeu o prognóstico. No *ABCD Jornal* anterior à esperada assembleia, entre reportagens sobre show e torneio de futebol com renda para o Fundo de Greve, uma pequena nota: "Todos os dias às 7 horas da noite, o filme *Que ninguém, nunca mais, ouse duvidar da capacidade de luta dos trabalhadores,* sobre a greve, está sendo exibido no salão paroquial da Igreja Matriz de São Bernardo. A proposta do filme é bem clara: manter a chama acesa." (*ABCD Jornal*,

8 a 14/5/79: 6) Por um lado, a necessidade de explicar se tratar do filme da greve revela a fragilidade do título, por outro, neste momento "a greve" era a greve geral de 1979 (e não a de maio de 1978). Em *Linha de montagem,* representações da "trégua", da euforia anterior à frustração posterior. Na porta da Mercedes, Djalma entrevista antigos companheiros:

> Djalma: *Você acha que segunda-feira* [14/5] *para?*
> Operário da Mercedes (OM): ... *Eu sou o primeiro a parar*.
> (...)
> OM: *Dessa vez vai ser parado mesmo*...
> Voz *off*: *Ninguém vai voltar, não! Ninguém vai voltar. Não tem 45 dias, nem 15 dias, nem nada*. (seq. 8)

Sem a volta da diretoria ao Sindicato nem a garantia dos 11%, os metalúrgicos estavam dispostos à greve, conforme demonstraram na grande manifestação do 1º de maio. A longa sequência da assembleia de 13 de maio começa com Alemão[11] no palanque de Vila Euclides. Admite o sentimento de "*derrota*", mas justifica o acordo nos quadros da luta contra a ditadura:

> *Companheiros! Um minuto antes de começar a assembleia, eu estava correndo todo o campo e o que eu pude ver é, mais uma vez, estampada na ideia e no rosto de cada trabalhador, mais uma vez, o sentimento de revolta contra a situação de miséria que nos foi imposta todo esse tempo. Cobertos de razão, eu vi um monte, diversos companheiros dizer que o acordo significava uma derrota pra gente. Eu vi companheiros protestar contra o acordo que na verdade não traz benefícios para os trabalhadores.* (Ruídos) *E todos que protestaram contra esse acordo estavam cobertos de razão. Mas nós vamos saber entender, nós vamos saber entender que 15 dias de greve não derruba 15 anos de exploração. Que derrubar 15 anos de exploração vai ter que significar fazer muitas greves como esta que fizemos. Tem um fato importante que nós não vamos abrir mão em hipótese alguma, que é muito mais importante do que o nosso aumento, que é o retorno de nossa diretoria ao Sindicato*. *Nós não vamos abrir mão disso. Nós vamos estar preparados pra sair pra greve caso a diretoria não volte ao Sindicato*. (seq. 11)

A reação do público pode ser depreendida da participação de Keiji Kanashiro, da primeira diretoria do Fundo de Greve, *"com a cabeça mais fresca depois de dois anos:*

> *Quando no meio da assembleia eu percebi que havia sido feito o acordo, eu realmente fiquei muito doido da vida. Virei as costas; fui embora... Eu acho que muita gente votou*. *Porque eu achava, naquela ocasião, que mais uma vez, a categoria havia sido traída. Agora hoje,*

[11] Emilson Simões Moura, o Alemão, e Osmar Mendonça encabeçaram a chapa 2, derrotada, em 1981, pela chapa 1, liderada por Jair Meneguelli, apoiado por Lula. *(Tribuna Metalúrgica*, agosto de 1981: 6)

> *com a cabeça mais fresca, depois de dois anos, a gente realmente acha que foi a melhor decisão. Isso porque naquela ocasião, na verdade, não havia a estrutura e a organização que a gente tem hoje. E naquela ocasião, não havia realmente condições de continuar uma greve sem o Sindicato na mão, sem o Fundo de Greve*[12] *organizado*. (seq. 12)

"Traição", "desgaste" originados nos bastidores das negociações, Lula denunciou em entrevista para o livro de Mário Morel:

> Um negócio que eu quero denunciar aí no livro são as promessas do [ministro] Murilo Macedo em 1979. Ele me chamou para uma reunião na casa dele em Atibaia e mandou um helicóptero me buscar. (...)
> Houve uma jogada suja do governo em cima de mim. No domingo conseguimos que os trabalhadores não fizessem greve outra vez. Na segunda-feira a FIESP publica uma declaração[13] pedindo a minha volta ao Sindicato. Na terça, o Murilo Macedo me coloca de volta no Sindicato. Dava a impressão de que tudo fora acertado. Então foi um desgaste muito grande. Foi uma barra na porta das fábricas. (MOREL, 1981: 131)

Lula voltou à presidência do Sindicato, em 19 de maio de 1979, decisão inédita na política sindical brasileira. Conquista que afastava a greve do horizonte imediato e, em decorrência, a mobilização para distribuir o filme que visava manter acesa a chama.

Em junho de 1979, enquanto prosseguia a filmagem de *Linha de montagem*, Tapajós apontou a mudança de atributo de *Que ninguém, nunca mais,...* cumprida sua missão precípua: "além da função imediata, em relação a qual o filme se insere, ele também tem função de registro histórico, uma função de memória." ("A greve no cinema", 1980: 96) Desde a estreia, atraiu públicos operários e não operários; logo em 11 e 12 de abril, no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo com a presença de Expedito. ("A greve no cinema", 1980: 96) Com chancela dos líderes do movimento, exibido em outros sindicatos, associações populares, escolas, universidades e cineclubes, segundo Tapajós, baseado em "pesquisa no meio sindical e popular"[14], em 1979, teria sido assistido por "250 mil pessoas, fato raro para um filme alternativo, de mercado

[12] Associação Beneficente e Cultural dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema- Fundo de Greve, oficializada em 7 de outubro de 1979, responsável por iniciativas imporantes para a visibilidade da liderança da categoria como a produção de *Linha de montagem* (1982), a Gráfica Editora Fundo de Greve (1983), e a produtora e distribuidora de vídeo TVT-TV dos Trabalhadores (1986).

[13] "O presidente da FIESP, Teobaldo di Nigris, solicitou ontem ao ministro do Trabalho Murilo Macedo o fim da intervenção nos sindicatos metalúrgicos do ABC" *FSP*, 15/5/79, 1ª. p.

[14] Tapajós não tem informações precisas sobre a instituição que realizou a pesquisa. (TAPAJÓS, 2006)

independente." (RIDENTI, 2000: 326) Desse modo, contribuiu para conferir a seus gestos e palavras o estatuto de índice de mobilização e, nessa condição, símbolo do movimento operário que ressurgia na cena pública. A relação da liderança dos metalúrgicos com a greve de 1979 e por consequência com *Que ninguém, ...* pode ser inferida pelo silêncio nas perspectivas para 1980:

> (...) 12 de Maio de 1978 passará para nossa história como um dia de glória, prenúncio das conquistas que ainda estão por chegar. Os metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema prosseguirão em 1980 na linha de frente das lutas operárias. Não nos resignamos em marchar a reboque dos acontecimentos. Conhecemos as dificuldades, as pedras do caminho. Sabemos que os inimigos são fortes e poderosos. Mas, em nosso coração reside a tranqüila certeza de que ninguém poderá deter nossa marcha até a vitória final. Nossas armas serão: paciência, perseverança e união. (*ABCD Jornal*, dezembro de 1979: 11)

Paciência não combinava com o filme feito para acender a chama; reabilitado no ABC nos primeiros meses de 1980 com a criação do Partido dos Trabalhadores, em fevereiro, e a preparação da greve de 1º abril. *41 Dias de Resistência e Luta* destacou o uso de filmes na preparação desta greve (1980: 22) A exaltação da luta operária associada à política partidária conferiu novos significados ao filme. Expedito lembrou do improviso das exibições da "primeira parte de *Linha de montagem"* nessa circunstância:

> Aí o Renato Tapajós filmou uns 30 minutos da greve de 79 (...) eu fui o primeiro presidente do PT, montei a comissão provisória do PT na cidade. (...) Eu pegava (...) um projetor de 35 mm, botava nas costas, subia na favela: "Ei, vai ter cinema de graça aqui pra todo mundo. Vem cá!" No Jardim Silvina, pegava no barraco da dona Maria, emprestava um lençol na casa dela, puxava o lençol lá, botava o 35 mm ali tal e projetava o filme. (...) O pessoal adorava. Até me lembro disso uma vez (...), eu botei a caixa dágua lá longe, o lençol pendurado e o povo aqui. Tinha um espaço aberto no meio. Aí começou a chover e o filme projetava lá do outro lado. (...) Às vezes, estourava, a gente pegava durex emendava. E aí levei depois em 80 até 81, quando nós estávamos aí organizando o PT. (BATISTA, 2007)

Novos significados para o filme e, na greve de 1980, novas experiências para Expedito; trocou de lado da câmera e filmou "um monte de operários deitados" que "passa rapidamente" em *Linha de montagem* (BATISTA, 2007) Filme que marcou a última parceria de Tapajós com o Sindicato. Desentendimentos com Jair Meneguelli sobre a presença de Alemão em *Linha de montagem* e "com a contratação do Celso Maldos [em 1983] se rompeu a relação profissional." (PARANHOS, 2002: 283) O

cineasta participou da realização dos programas de TV de Lula da campanha para o governo de São Paulo, em 1982. Posteriormente, seus personagens foram bem sucedidos neste campo, Expedito, deputado estadual; Djalma, deputado federal e vice-prefeito de São Bernardo; por fim, Lula, presidente. E o mais ambicioso resultado do Fundo de Greve, no que diz respeiro à ascensão dos dirigentes sindicais do ABC à tela, conquistado no último ano do governo Lula:

> A TVT, primeira emissora de televisão outorgada a um sindicato de trabalhadores, entrou no ar no dia 23 de agosto de 2010, às 19h. Resultado de 23 anos de luta do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, a emissora educativa é uma geradora[15] e foi outorgada em outubro de 2009 à Fundação Sociedade, Comunicação, Cultura e Trabalho, entidade cultural sem fins lucrativos criada e mantida pelo Sindicato. (TVT, 2010)

23 anos de luta pela TV, contando com os filmes de Tapajós, a conquista remonta a 1977, quando os metalúrgicos do ABC, sobretudo sua liderança, ascendeu à tela. *Que ninguém, nunca mais, ouse duvidar da capacidade de luta dos trabalhadores* sequer integra o acervo da TVT, que guarda (e distribui) outras versões da greve de março de 1979: *A luta do povo* (1980), (30'), utilizado no curso de Formação Sindical em 2007[16] e, em especial, *Linha de montagem* (90'), primeiro longa-metragem de Tapajós, que estreou em 13 de abril de 1982, melhor acabado técnica e esteticamente, considerado pelo cineasta, personagens e espectadores preferenciais, o filme da categoria com a gloriosa greve de 1980. Na comemoração dos vinte anos desta greve, Djalma destacou "O filme *Linha de montagem* [como] um dos mais importantes instrumentos de mobilização." (Sindicato dos Metalúrgicos do ABC 14/04/2000) A série "Tirando do Baú" (2010), do Canal Brasil: "histórias por trás dos clássicos do cinema nacional através dos olhos de seus criadores", dedicou um episódio a *Linha de montagem*, com depoimentos do cineasta e de Lula. À sombra do longa-metragem, *Que ninguém, nunca mais, ...* permaneceu na produtora do cineasta, KinoStudio, em Barão Geraldo, São Paulo, em suporte desatualizado, VHS, com o título de *Greve de março.*

[15] No Rio de Janeiro, retransmitida pelo canal 17 UHF, entre a TV Cultura, 16, e a TV Brasil, 18.

[16] Conversa informal com os professores do Curso de Formação Sindical, em São Bernardo do Campo, em 3 de setembro de 2007.

Filmografia

Linha de montagem (1982) 90', cor, produção Tapiri Cinematográfica para a Associação Beneficiente e Cultural dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema – Fundo de Greve, direção de Renato Tapajós, direção de fotografia e câmera: Zetas Malzoni, m Trilha sonora: Novelli, música-tema, Novelli e Chico Buarque, narração: Othon Bastos.

A luta do povo (1980) 30' São Paulo, produção Associação Popular de Saúde, direção Renato Tapajós, fotografia Zetas Malzoni, montagem Maria Inês Villares.

Que ninguém, nunca mais, ouse duvidar da capacidade de luta dos trabalhadores ou *Greve de março* ou *Dia Nublado* (1979) 35', produção ABCD cultural, OCA Cinematográfica. Realização coletiva: Renato Tapajós, Olga Futema, Zetas Malzoni, M, Inês Villares, Francisco Cecca, Alípio Viana Freire, Cláudio Kahns,

Teatro Operário (1978), 15', São Paulo/São Bernardo do Campo, direção Renato Tapajós, fotografia Zetas Malzoni, produção Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e FUNARTE.

Trabalhadoras metalúrgicas (1978) 17', 16 mm, cor, São Paulo/São Bernardo do Campo, direção de Renato Tapajós e Olga Futema, roteiro Olga Futema, fotografia Washington Racy, montagem Olga Futema e Ana Elisa Bueno, produção Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo.

Acidentes de trabalho (1977) 18', São Paulo/São Bernardo do Campo/Diadema, direção Renato Tapajós, fotografia Washington Racy, montagem Olga Futemma, produção Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema.

Entrevistas realizadas pela autora

Renato Tapajós. Barão Geraldo, 20 de setembro de 2006.

Expedito Soares Batista. São Bernardo do Campo, 3 de setembro de 2007.

Sites

Depoimento de Djalma Bom. Sindicato dos Metalúrgicos do ABC 14/04/2000. http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.phpstoryid=1306 Acesso 20/5/2007.

"Tirando do Baú- *Linha de montagem*

http://canalbrasil.globo.com/programa.php?n=tirandodobau&acao=prog&video=5655&idbanco=1126009 Acesso, 30/12/2010.

TVT- TV dos Trabalhadores, http://www.tvt.org.br/portal/conteudo_site.php?id_con=1 Acesso 7/3/2011.

Memórias e entrevistas de Renato Tapajós

Currículum Vitae de Renato Carvalho Tapajós, São Paulo, 23 de março de 1983. Documentação Funarte, pasta do cinesta, doc. P0022, d01. 4 p.

"Na linha com Renato Tapajós": *In O Matraca* Ano I, n. 8, 15 de maio a 14 de junho de 1982, p. 8 [Pasta de Renato Tapajós, Biblioteca Jenny K. Segall, Museu Lasar Segall], p. 8-9.

"O cinema e a abertura". Entrevista de Renato Tapajós. São Paulo, *Em Cartaz n. 3*, julho de 1980, p. 3. [Cinemateca Brasileira pasta do cineasta]

"Um novo produto: cinema sindical" *Veja 565,* 4/7/79: 74-5.

"A greve no cinema". *Escrita/Ensaio* v. 4, n. 78. São Paulo: Escrita, março de 1980.

Imprensa

Tribuna Metalúrgica,

ABCD Jornal,

Folha de São Paulo (FSP),

Última Hora-SP (UH-SP).

Filme Cultura 46. Rio de Janeiro: Embrafilme, agosto de 1986.

Livros e artigos

ANTUNES, Ricardo. *A Rebeldia do Trabalho* (O confronto operário no ABC paulista: As greves de 1978/80). Campinas: Ensaio, 1988. [originalmente tese de doutorado *As formas da greve* – confronto operário no ABC paulista: 1978/80. Departamento de Sociologia: USP, 1986].

BAECQUE, Antoine de e DELAGE, Christian. *De l'histoire au cinéma.* Bruxelas: Complexe, 1998.

BERNARDET, Jean-Claude. *Cineastas e imagens do povo.* São Paulo: Brasiliense, *Cineastas e imagens do povo.* [1985] 2ª ed., São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

_____. *O que é cinema*, [1980] 12ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2000. (Coleção Primeiros Passos 9)

DELAGE, Christian. « Cinéma, enfance de l'histoire » In DELAGE, C. E BAECQUE, Antoine. De l'histoire au cinéma. Bruxelas : Complexe/IHTP, 1998 : 61-98.

DELEUZE, G. *L'image temps.* Cinéma 2. Paris: Minuit, 1985.

HOBSBAWM, Eric J. "Homem e mulher: imagens de esquerda" [1978]. In: *Mundos do Trabalho*. Novos estudos sobre história operária. 3a. ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

MAUAD, Ana Maria. "Através das imagens: fotografia e história – Interfaces". *Tempo, 2.* Revista do Departamento de História da UFF. Rio de Janeiro/Niterói: Relume-Dumará, 1996.

MELLO E SOUZA, Antonio Cândido. *Literatura e Sociedade.* [1965] 8ª. ed. São Paulo: TA Queiroz/Publifolha, 2000 (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

_____. "Literatura e personagem": *In A personagem de ficção.* 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.

MOREL, Mário. *Lula, o metalúrgico.* Anatomia de uma liderança. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981; reeditado como *Lula,* o início. 2a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

NEGRO, Antonio Luigi. *Linhas de Montagem.* O industrialismo nacional-desenvolvimentista e a sindicalização dos trabalhadores (1945-1978). São Paulo: Boitempo, 2004.

ORTIZ, Renato, *A moderna tradição brasileira.* [1988] 5ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PARANHOS, Kátia Rodrigues. *Era uma vez em São Bernardo.* O discurso sindical dos metalúrgicos de São Bernardo -1971/1982. Dissertação de Mestrado em História, Campinas: Unicamp, 1999.

_____. *Mentes que brilham* (Sindicalismo e Práticas Culturais dos Metalúrgicos de São Bernardo). Tese de doutorado em História. Campinas: Unicamp, 2002.

RAINHO, Luís Flávio e OLIVA, Aloísio Mercadante et al. (org.) *Imagens da luta.* 1905-1985. São Bernardo do Campo: Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, 1987.

RAINHO, Luiz Flávio e BARGAS, Oswaldo Martinez *As lutas operárias e sindicais em São Bernardo.* 1977/1979, 1º. Vol. São Bernardo: Fundo de Greve, 1983.

REIS FILHO. Daniel Aarão *A Revolução faltou ao encontro.* Os comunistas no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990.

RIDENTI, Marcelo *Em busca do povo brasileiro.* Artistas da revolução, do CPC à era da tv. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena:* experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80. [1988] 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SAMPAIO, Antonio Posidônio. *Lula e a greve dos peões.* São Paulo: Escrita, 1982.

VASCONCELOS, Regina Ilka. "Cultura e memória: notas sobre a construção da lógica histórica". *In*: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto e KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). *Outras Histórias*: Memórias e Linguagens. São Paulo, Olho d'Água, 2006.